

O FILOSOFAR COMO CONDIÇÃO PARA UMA VIDA MAIS AUTÊNTICA: PRODUZINDO SIGNIFICADOS

PHILOSOPHIZING AS A CONDITION FOR A MORE AUTHENTIC LIFE: PRODUCING MEANINGS

Arlete Salanti

Estudante do Curso de Bacharelado em Ontopsicologia (Faculdade Antonio Meneghetti)

Na introdução da obra *Filosofia Ontopsicológica*, no item 1.11 *Personalidade Autêntica*, o Prof. Meneghetti nos diz que:

A consciência humana já possui em si o valor originário, quase potencialidade ao próprio fim, para coordenar o dispersivo contexto mundano ao próprio significado de pessoa, contanto que dissolva todos os condicionamentos sobrepostos à própria autenticidade (Meneghetti, 2015, p. 26).

O filosofar nos permite dissolver os condicionamentos sobrepostos que adquirimos no decorrer da nossa vida para repensar nossas certezas e provocar a dúvida, no sentido da abertura, para novas compreensões. Se temos a liberdade de nos interrogarmos ‘por que? ou para que?’ novos conhecimentos se abrem e podemos sair das nossas certezas. O suposto saber de um eu condicionado nos venda os olhos para novas perspectivas diante da oportunidade da novidade da vida que se coloca a cada momento.

As perguntas que comecei a me fazer na adolescência, muitas vezes a noite, deitada no gramado de casa olhando o céu estrelado, mais

tarde descobri que são perguntas filosóficas ontológicas ou metafísicas. Esta área da filosofia que estuda o que está para além do físico, do visível, do palpável, do concreto.

Onde estou? Quem criou todas as coisas? Existe um lugar ao sol para todas as pessoas? Deus existe? Estamos sozinhos nesta imensidão de estrelas, planetas e galáxias? Há mais seres, além de nós aqui na Terra? Quem comanda todo o Universo?

Através dessas perguntas e da minha própria percepção da realidade, percebi que, entre os quatorze e quinze anos, eu já não me sentia bem na Igreja Católica. Depois de muitas vezes ter me sentido desconfortável e ter questionado por que o discurso religioso das missas era tão desagradável especialmente por acusar nós, humanos, de sermos pecadores e já nascermos marcados pelo pecado decidi que aquele Deus punitivo não me servia.

Entendi que se Deus existe, não poderia ser daquele modo, porque se Deus é criador de todas as coisas, se é amor, por que tanto discurso de culpa a nós, seus filhos?

Daquele dia em diante não frequentei mais

as missas e passei a buscar respostas em outras fontes.

O estudo da história da antiguidade no período escolar me fascinava (e ainda fascina), principalmente sobre mistérios das grandes obras do Egito, estas me instigavam sobre a origem e as transformações humanas, mas sentia que as respostas eram incompletas me pareciam incoerentes. Poucos anos depois um amigo me indicou o livro *Eram os Deuses Astronautas*. Erich von Däniken, defende a ideia de que, no passado civilizações antigas tiveram contato com extraterrestres, e que esses visitantes foram interpretados como deuses. O autor sustenta isso com exemplos arqueológicos, mitológicos e religiosos. A partir desta visão, algumas lacunas das minhas perguntas, parcialmente, ganharam respostas nesta e em outras leituras que surgiram e ainda surgem. Percebo que a questão da origem da nossa existência neste planeta, sob o olhar de diversas vertentes de pesquisa, segue, ao longo dos anos, formando um mosaico com suas repostas. Contudo, a imagem desta compreensão, ainda está se formando.

Percebo revisitando a minha história que em muitos momentos fui movida a compreender as coisas para além dos ensinamentos recebidos. A questão do sentido da vida, o fazer da existência algo que valesse a pena viver sempre foi balizador na minha vida. Se não faz sentido, não é para mim, se faz devo viver porque isso me acrescentará. De forma prática, esta moral interna busca sustentar as minhas escolhas.

Quando, também no período da adolescência começo a questionar por que existo? Para que existo? Qual o sentido da vida? Qual o sentido da minha vida? Com estas perguntas descobri que queria fazer Psicologia. Porém, precisei

mais de uma década para chegar na faculdade e realizar o profundo desejo desta vocação profissional. Foram anos de crise sobre como decidir fazer o que eu queria sem magoar meu pai que sempre projetou em mim uma advogada. Vivi por anos este problema ético: o que fazer? A moral de fora dizia direito e a moral de dentro psicologia. A moral de fora no meu caso estava relacionada ao amor condicionado a ser o que o outro projetava em mim. Felizmente consegui agir de modo coerente a minha identidade após me trabalhar psicologicamente e me organizar economicamente para fazer vencer aquilo que para mim fazia sentido, onde eu poderia ser a mim mesma, apesar do conflito familiar que precisei enfrentar para viver a minha identidade profissional e assim, autêntica.

No trabalho como psicoterapeuta é clara a busca das pessoas no que devem fazer diante das suas questões de vida, sem antes saber o que elas realmente são. “A ética não existe sem a ontologia, para saber o que fazer é preciso responder o que a pessoa é”, disse o Prof. Bruno em aula (07-03-2026). A pauta dos condicionamentos sobrepostos que Meneghetti tão bem aponta, é chave de pesquisa para desvelar o ser que move a verdadeira vontade de cada pessoa, para que cada um se conheça e aja por como é.

Contudo, nem sempre temos clareza da origem das identificações, a personalidade-esquema ou eu fictício se pauta por modelos sociais. A cerca desta problemática adverte-se:

O processo de identificação é uma faca de dois gumes. Quando bem especificado e regulado, leva à maturidade o indivíduo, caso contrário, bloqueia e perturba a autenticidade. Todos nós nos encontramos na dinâmica de um processo de identificação; deve-se verificar se a nossa identificação é autêntica ou se faz parte de uma personalidade-esquema, ou melhor, se

implica coincidência com o pessoal Em Si ôntico ou com um meme qualquer (Meneghetti, 2015, p. 28).

O exercício do refinamento das perguntas que exercitamos traz a nossa liberdade de existir conforme nos mesmos. Para isso, é necessário a morte do eu fictício. É através da metanóia, conceito da antiga tradição grega, onde há uma mudança do Eu da pessoa em nível profundo, que propicia algo novo.

Quando questionamos a realidade prática da vida de forma adequada, momento a momento, e refletimos sobre nossas experiências individuais, podemos nos aproximar de uma maior unidade conosco mesmos. Ao buscar o significado de cada parte da nossa vivência, o caminho a seguir se torna mais claro, e o Eu pode se tornar verdadeiro. Assim, deixamos de agir de forma condicionada, pois passamos a pensar e agir de acordo com aquilo que realmente somos. Dessa maneira, o filosofar se torna uma condição para uma vida mais autêntica.